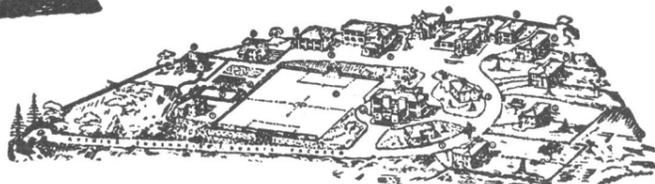




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 484 — Preço 1\$00
29 DE SETEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

O homem do nosso tempo, prisioneiro da velocidade que criou e lhe fugiu das mãos, começa por entontecer no turbilhão, depois baralha os valores fundamentais do Espírito e da Vida e corre sério risco de lhes perder a noção.

Acção e eficiência — é a preocupação que o possui. Como se Cristo não dissesse (E ficou dito!) que «Maria escolheu a melhor parte», permanecendo a Seus pés a contemplá-lo; como se a definitiva vitória sobre a morte não tivesse sido ganha pelo caminho longo e tortuoso da derrota que terminou na Cruz onde Ele deu a vida!

Em sua febre de agir, o homem do nosso tempo esquece que a sua acção há-de passar, como ele próprio passa. É necessário que ele a enxerte de divino, para que a sua acção adquira dimensões de eternidade e perdure quando o homem desaparecer. É por isto que os Grandes de cada tempo são múmias que as páginas da História embalsamaram. Os Santos são presenças vivas em todos os tempos, na sociedade dos homens vivos de cada qual. E os Santos nunca perderam o sentido rectilíneo dos valores fundamentais do Espírito e da Vida, por mais activos que fossem. Nem prenderam o seu coração à primeira colheita; antes a legaram farta às gerações que lhes seguiram. Por isso a sua acção os transcendeu e a eficácia dela vive depois que eles morreram.

Não assim o homem abandonado a si mesmo: ao seu orgulho, ao seu egoísmo, ao seu nada. Esse não se lembra mais que antes de agir é preciso merecer. O mérito é o humus que faz fértil a terra onde se semeia. É a seiva que percorre a planta germinada. É a garantia causal da frutificação. E se todo o homem semeia para colher; se o seu desejo é colher muito e bom — não se desequilibre na pressa do desejo; não espere em um ano a árvore adulta que demora dezenas deles; nem se enerve na expectativa dos frutos. Vá acrescentando o humus com o seu suor e o seu amor e a terra compensará: vá merecendo. A Natureza fará o resto e não o iludirá. Ele é que se ilude se pretende fabricar a seu capricho uma Natureza nova.

Nós vimos de rever terras imensas, abandonadas, depois que as sugaram sem nada lhes dar os seus concessionários. Isto é imagem de um desamor fácil, que pega e goza e larga depois de ter emurchecido o objecto que devia ter amado. Isto é o sím-

CONTINUA NA PÁGINA DOIS



SETUBAL

Fui no domingo a uma das praias do Sul, pregar às igrejas.

O assunto era apresentado pelo Senhor a falar aos discípulos e ao Doutor da Lei definindo o próximo como o homem caído no caminho da vida, injustamente espoliado dos seus bens e deixado semi-morto à beira da estrada.

Para ter a vida é necessário fazer como o Samaritano: aproximarmo-nos, reanimá-lo, curá-lo, curá-lo as feridas, levá-lo à estalagem e cuidar do seu restabelecimento.

As igrejas e capelas estavam cheiinhas embora pequenas. Os cristãos ouviram-me, presos, como em todos os lugares, das verdades eternas e das realidades autênticas da vida actual.

Levei quatro rapazes comigo. Eles são sempre o fundo do cenário. O espelho a que a Obra se vê. Demos uma volta. O movimento era enorme. Carros, aos milhares, cheiinhos de famílias. Gente aos montões, acotovelando-se mutuamente.

Um movimento, milhares de vezes superior àquele que se aproximou dos lugares sagrados e ouviu a minha palavra. Há hoje no mundo tantos homens injustamente espoliados dos próprios bens, semi-mortos à beira da estrada. Tantos no nosso país, sem nós sabermos quem são os ladrões. Tantos nestas cidades e até naquela praia, incognoscíveis para aquela multidão embebada pelas estonteantes preocupações de vida.

Tive tanta pena de ter um auditório tão reduzido!

A mulher dum tuberculoso queria falar-me. Que alegria me deu naquele lugar esta notícia. Era para me pedir para dois dos quatro filhos. Que tristeza!... Eu estou cheiinho.

Fui ver a sua morada. Percorremos ruas. Era à tardinha. Dum lado e do outro, vivendas emolduradas de jardins caprichosamente desenhadas e escrupulosamente construídas com os melhores e mais belos materiais.

Os carros, bons carros, alguns luxuosos, iam passando, cruzando-se connosco ou parando à nossa frente. A mulherzinha, vestida de luto, ia-me elucidando na sua simplicidade: que os prédios eram de senhores que só ali vinham

passar o verão e que no resto do ano estavam fechados.

A sua casa era uma garagem fria, emprestada por esmola, dividida a meio por uma cortina. A mãe de família, com a alma enegrecida de dor contou-me a sorte do marido no sanatório, dos quatro filhinhos que a rodeiam

e da aflição que se avoluma de dia para dia por se ver sem ninguém, sem nada e com a rua a convidar os quatro. Eu deixei o que levava. Não a aliviou. Ela contava que eu trouxesse parte da sua riqueza — dois dos filhos

Continua na página DOIS

PEDITÓRIOS



U não sei se nós somos caçadores especiais ou por especializar. Sei que no verão, ainda antes de abrir a caça, saímos às praias e às termas, a acaçar.

Vamos por necessidade, e oxalá ela nunca nos falte, para que não nos saia ao caminho a tentação de não ir o que seria descaminho.

“O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza. Os Padres da Rua são mendicantes; padres pobres ao serviço de uma Obra pobre. Sempre que for necessário saíam a mendigar de porta em porta e recebiam por amor de Deus, tanto o sim, como o não. Também, com licença dos Bispos, vão pelas Igrejas e apresentam-se ousadamente como padres sem oiro nem prata; sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas, provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são”.

Dor estas regras de Pai Américo, se vê bem que seria mesmo descaminho! Por isso vamos.

De Acílio voltou-se este ano para o Algarve e andou por lá, mensageiro e mendigo de Deus. P.e José Maria, na linha de Cascais, tirando Oeiras, bateu com o nariz na porta. Em Sintra, também só umas capelinhas se lhe abriram. E, como sempre, encontrou à espera os centros mais modestos das Caldas, Peniche e Lourinhã.

P.e Horácio já tem avença. Como a sua batida se fez no centro, talvez porque no meio esteja a virtude, não tem tido dificuldades. E aí foi ele a S. Martinho do Porto, S. Pedro de Muel, Monte Real, Figueira da Foz e Luso-Buçaco.

Na zona norte foi P.e Baptista que abriu a época: em Espinho pela terceira vez seguida, a Granja — o primeiro púlpito de Pai Américo não nos deixou entrar. Que Deus abençoe as obras que por lá há em mãos, e as faça crescer depressa. Miramar, foi a última etapa deste verão, que a Dóvoa, se não mudou de sítio, mudou de parecer.

E em Outubro contem connosco os Senhores Dárcos da cidade, que a gente se pára, lá tem que parar as obras do Lar do Porto e ninguém queira saber o que são 30 rapazes numa casa provisoriamente reduzida a metade, e acrescida de pedreiros, trolhas e carpinteiros!

Cá temos os das Casas a prestações. Lá porque vão aqui em separado eles não formam procissão de separados! Qual quê?! Eles são até dos mais unidos e unificantes de quantos participam desta procissão de Fé, de Esperança e Caridade. É que eles fizeram da inspiração de um momento uma lei para si mesmos a que se obrigam continuamente até realizarem o bem do Próximo que Deus lhes sugeriu no instante da inspiração. Mais unidos — porque iguais a si mesmos no amor ao longo de meses e de anos de caminhada sem-

SETÚBAL

Vem da página UM

— não que desse da minha pobreza. Ficou a chorar.

Era ao anoitecer. Das vivendas, rescendia o perfume dos bons jantares. Famílias inteiras em esplanadas próprias, rodeadas de flores jantavam, banqueteadando-se, ao som de belas músicas.

Eu vinha com a alma despedaçada!

Encontrei o Senhor num grande crucifixo e compreendi melhor do que em toda a minha vida o motivo das suas chagas.

Como é possível, Senhor, ter o gosto de viver assim?... Se todos os homens tivessem ao menos o indispensável à vida... Ainda vá lá!... Mesmo assim, Senhor!... Como é possível?...

Pelo Teu sangue somos irmãos. A Fraternidade humana é para a maior parte dos homens uma batata. A Tua Justiça, um escárnio. Por isso, Senhor, estás tão chagado!... Deixa-me aproximar de Ti. Dos Teus filhos injustamente espoliados e eu como eles: Pobre. E ver na minha pobreza e na Tua pobreza o preço da maior riqueza: o preço da Vida!...

P.e ACILIO

DOCTRINA

Vem da página UM

bolo de uma mentalidade mortal, que divorcia o homem da terra que ele devia amar e atraiçoa e teima em chamar sua apenas pelo sentimento avaro de uma posse que perdeu sua razão de ser.

Este pecado é nosso. Não o enjeitemos. Acrescentaremos novo mal em o negar.

Então?... Mereçamos. Ainda é tempo de começarmos pelo princípio, mas não há tempo mais para perder. Mereçamos. Todos nós temos que merecer agora pelos anos perdidos a desmerecer. É tempo. É tempo ainda. É sempre tempo de Misericórdia quando o homem de si põe contrição.

É os «ventos da História», já que não está nas nossas mãos parar seu sopro, deixemo-los soprar. Os frios da vida vêm de fora para dentro. De dentro para fora é o frio da morte. Agasalhem-nos dele. Como? Merecendo. Por sobre o nosso merecimento assentará autêntica e eficaz a nossa acção.

AGORA

pre alegre e confiante em direcção à sua meta: uma casa para um irmão mais pobre. Mais unificantes — porque o seu exemplo arrasta e tantos tem trazido que o seu grupo é o mais numeroso de quantos aparecem.

E que dizer daqueles que, às prestações, já fizeram uma casa, e duas..., e tomaram o gosto divino deste caminhar em oração, e não param mais... e são rosários e serão tantas quantas o Senhor lhes permitir fazer!

«Ó Beleza sempre antiga e sempre nova!» — quem se cansa de Ti?!

Ora a Helena é a primeira de hoje. Traz a 25.^a, 26.^a e a 27.^a pedras da Casa de S. Francisco. Eu conheço-a tão bem; as belezas conhecem-na tão bem; todas as obras da Obra de Pai Américo conhecem-na tão bem — que eu ardo em natural desejo de a conhecer! Quando aparece?

Logo a seguir é Cruz, da Beira. A sua última carta — de 2 de Agosto — traz 1.000\$ para a Casa Graças a Deus ou Casa Graças à Santíssima Virgem, destinando 15 contos a cada uma. A respeito da primeira, Júlio despacha assim: «Convém elucidar no Famoso. As entregas relativas a esta casa são as seguintes:

1961 — Setembro	7.000\$00
Outubro	500\$00
Dezembro	500\$00
1962 — Janeiro	500\$00
Fevereiro	900\$00
Março	500\$00
Abril	500\$00
Maior	1.000\$00
Junho	900\$00
Julho	600\$00
Agosto	1.000\$00

Ora eu cá, parece-me que as entregas para a Casa Graças a Deus vêm de muito antes de Setembro de 61. Cruz, tenha paciência, diga qualquer coisa e mande sempre os talões dos depósitos para me livrar da cruz de aturar os meus contabilistas!

Agora é a Emília, de Lisboa, quem passa. Manda 5.000\$00 que com 12+1 que tinha mandado, faz 18 contos para a Casa em acção de graças a Jesus e a Maria. Como Jesus e Maria devem gostar desta gratidão, Ela que não teve casa onde O desse à luz! Duas vezes 100\$ da «Mãe que crê em Deus».

Encontro foi encontrado na procissão três vezes com 2.500\$00 cada. Grande paixão arde no seu peito!

A Casa de Nossa Senhora do Amparo começa com 100\$00. O que nós não podemos é prometer que ela será no Fundão. Isso depende da vontade dos seus fieis.

Agora é a Clarinda, com 4.000\$00. E o «Sempre feliz Casal de Noivos» com 200\$00, «pedindo uma oração pelo feliz nascimento do meu segundo bebé». Que o Senhor lho abençoe sempre.

Há pouco passou o Encontro, 5.^o mistério gozoso do Rosário de Casas. Agora passa a SALVÉ. RAINHA do primeiro terço. Passagem dupla, com 2.000\$00 mais 1.000\$00.

A Casa à Minha Mãe já vai na 40.^a fiada. E outras fiadas, de cimento armado, esta senhora vai pondo, a segurar a construção: «Todos os dias rezo por todos, os de perto e os de longe, e de um modo especial por todos os Padres da Rua. «Grande nau, grande tormenta» e só com Jesus ao leme, mesmo a «dormir», a barca segue sem perigo. Por isso nós rezamos, e nEle confiamos e a Ele nos entregamos».

Da Beira, 10.250\$00 vêm juntar-se aos 1.750\$00 lá entregues quando há dois anos lá estive, para a Casa Nossa Senhora da Conceição. «Talvez o dinheiro não chegue, mas se eu continuar com saúde e empregado, mandarei mais. Sou um pobre pecador, um simples operário e pai de três filhos. Peço que nas suas orações se lembre deste pecador, que já nasceu do pecado e hoje se sente feliz com a sua família, digna para seguir o caminho da verdade».

Beijo-lhe as mãos, meu irmão operário e pecador e pai, e peço-lhe que me lembre na suas orações, que também o sou!

Outro «pobre pecador». Este é do Porto. Conhecemo-nos no coração de Cristo. Que os meus olhos nunca o lobrigaram com consciência de tal! Ouçam-no:

«Considero o Património dos Pobres um dos Bancos mais seguros para a colocação de capitais. Apesar da sua segurança e dos elevados juros que paga, os capitalistas preferem ignorá-lo, de forma que só as pessoas de modestos recursos se servem dele. É pena! Quanta riqueza espiritual (e material) poderia o Património dos Pobres criar com tanto dinheiro inútil que corrompe as consciências dos bem instalados na vida e poderia salvar milhares de naufragos, que, à deriva, aguardam apenas uma mão amiga, um tecto, compreensão pelos seus problemas, um conselho amigo, uma orientação e querem reconstituir o futuro e redimir-se».

Que doutrina! Quem pode acrescentar palavra a sabedoria tão divina?!

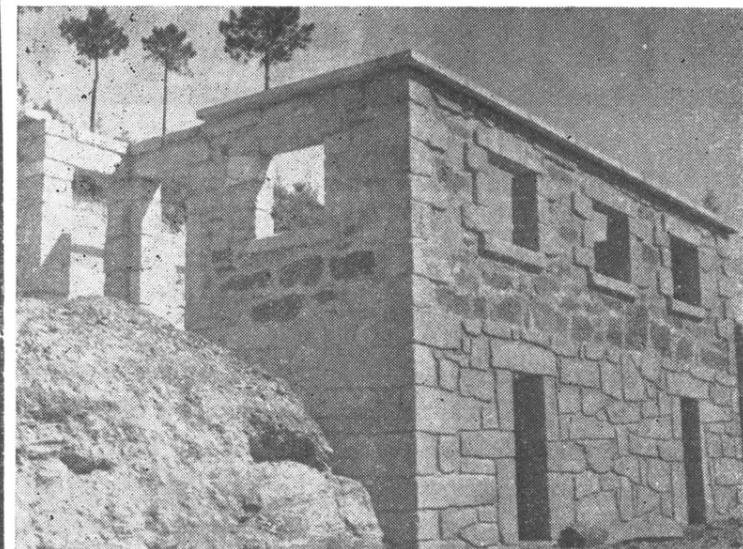
A Casa de Jesus Crucificado e Jesus Ressuscitado atingiu os 19 contos. «Espero até ao fim do ano, e já não é sem tempo, atingir os 24». «Berta e Jorge» passam duas vezes com 1.000\$00 cada. Mais 200\$00 para a Casa do António e do Fernando e mais 1.000\$00 para a Casa José Maria. O mesmo do assinante 8672. 100+100 de «Uma Mãe». Quatro achegas à Casa da Avó Ema. Mil para a Casa Adozinda e Mário: «Impulso inicial para a realização de um projecto já velho».

Quatro presenças do «Casal-Assinante» de Aveiro. Fica na 46.^a. Trezentos para a Casa de Nossa Senhora do Rosário. E

200\$00 da Ilha de Santa Maria — Açores, que agora passam a vir de Lourenço Marques. E este desejo bom: «Peço um pensamento na Santa Missa para que Deus se digne fortalecer um dos meus 4 filhos e o escolha para se entregar unicamente ao apostolado. Muitas felicidades para os vossos filhos.»

Obrigado. Que assim seja para todos nós. E até à próxima.

PATRIMONIO DOS POBRES



Lindas e airosas, sobem Casas em Mondim de Basto!

Carta de um Pároco. Doutrina da melhor. Ei-la.

Com migalhas e lágrimas lá subiu mais uma casa para duas famílias pobres.

Como as outras, é uma casa limpa e arejada, um amor de conforto e higiene, onde a luz e o sol entram livremente.

É uma casa para os pobres feita pelos pobres!

Ai ricos, como pesa sobre os vossos ombros a mão de Deus que vos aponta nos caminhos da Misericórdia as lágrimas dos que precisam! Tanto se discute... e se nas coisas do vosso querer houvesse a redução dum a insignificância, quanto bem se faria àqueles que nada têm! Mas o querer de Deus não é igual ao querer dos homens... e é por isso que as Suas obras são cercadas de sofrimento.

Uma vez terminada essa começaremos outra imediatamente e da mesma forma confortável, segura e higiénica.

À frente de cada uma há terra para horta e frutas; terra que lhes dê pão e vinho e os desperte no amor ao trabalho e no gosto pelo campo.

É bem certo que quem trabalha pelos Pobres trabalha por Deus e eu tenho

para mim que os Pobres e os que sofrem nascem das chagas do Divino Crucificado.

Se nos puder ajudar mais uma vez «a cobrir a casa», como é expressão sua, muito lhe agradeceremos.

Mandar-lhe-ei outra fotografia dela logo que esteja coberta de telha e cal.

Auto-Construção

Gostaríamos de ter muitas pessoas que pudessem ser musicadas para Auto-Construção. Já temos uma ou outra, mas precisamos muitas mais. O canto teve sempre uma influência decisiva na vida das colectividades, dos grupos. Todos os educadores, sem excepção, usaram o canto para conseguirem os seus objectivos. Cantar no trabalho, à ida para o trabalho e na vinda do trabalho, revela muita saúde corporal e espiritual. Sempre assim foi e tem de continuar a ser assim. O canto distrai, torna o trabalho menos pesado, alimenta o optimismo, evita a depressão e quebra a monotonia que a repetição de gestos e de acções acarreta consigo. Cantaram-se marchas a caminho de batalhas sangrentas. Cantar-se-ão marchas a caminho desta batalha pacífica, desta luta por um mundo melhor, porque por famílias melhores. A cantar



Veio de Cascais. Chamava-se João. Não tem mãe. Era a irmã, pequenina como ele, que o



Eis aqui o nosso João, de Cascais!

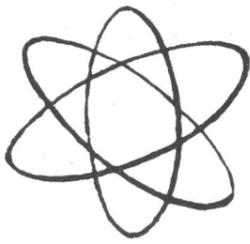
guardava, enquanto o braço do pai angariava sustento. Vai em dez anos, mas não fala, nem vê, nem pode andar. É anormal. Mais:—é fisicamente disforme, porquanto os membros inferiores estão atrofiados e o crâ-

nió excessivamente desenvolvido impressiona sempre.

Pois, veio de Cascais, terra encantadora, por onde o turismo faz carreira. Quem no diria? E está aqui entre doentes que o acolheram como irmão no infortúnio e o tratam desvelada e carinhosamente como se de há muito fora membro querido da família do Calvário.

se celebram vitórias que coroaram esforços longos e difíceis. Em Auto-Construção, se vitórias houver, serão celebradas por entre cânticos e flores e preces. Não podia deixar de ser assim. Temos de procurar o caminho do maior rendimento nestes trabalhos. Ninguém duvida que o entusiasmo, a alegria e o calor que os cânticos emprestam aos trabalhadores irão aumentar extraordinariamente o fruto do seu trabalho. Também terá o efeito de contagiar outros elementos. Ninguém suporta, por muito tempo, a companhia dos tristes. Depois, um grupo que não tenha ocasião e maneira de se entreter, cairá facilmente na conversa maldosa, na crítica ou até no comentário sensuál. Será infalível! Em que há-de eles conversar? A sua cultura é reduzidíssima. Os seus passeios curtos. Os seus horizontes muito reduzidos. Se não houver uma distração honesta e agradável, virá o lado inconveniente dos passatempos mais ou menos duvidosos. Depois, como estes trabalhos são prolongados, acabam por cansar. Compreende-se. Além disso o canto une, congrega. Poucas coisas estabelecem tão bem a união entre diversos elementos como o canto em comum. Cantar no trabalho é uma aspiração dos verdadeiros Auto-Construtores. Precisamos de hinos, marchas, canções para os nossos trabalhos e também para as nossas festas.

PADRE FONSECA



Conforme fora já anunciado pelo Pai ao P.e José, o Américo sempre partiu para África não em Outubro, mas em Novembro de 1906. Com ele iam dois irmãos, naturais de Paço de Sousa e ainda seus parentes, um dos quais,

É um doente disforme. Em face dele, salta-me ao pensamento o doloroso, e irresponsável à mente humana, problema do mal. Porque permite Deus que haja seres humanos como este tão nada humanos? Só a Fé aqui vai encontrar a igualdade que os sentidos não vislumbram. A gente não atina com as razões de Deus. Sabemos apenas que Ele é Sabedoria eterna. Este pequeno João, tão anormal, tão pouco humano, falamos dos Mistérios que a Sabedoria de Deus oculta à nossa mente.

Anda até aqui, que mais de pertinho se presente Deus nos Seus Mistérios. E se cáeres doente já levas a experiência dos mais para melhor aceites as horas que o Senhor mandar.

P.e Baptista

Alcino Barbosa, conhecemos há dois anos em Lourenço Marques, onde desde então vem exercendo a profissão de farmacêutico.

É do próprio Américo a presente carta, escrita de Marselha, durante a viagem, datada de 23/11/06 e dirigida ao irmão mais velho:

«Meu caro P.e José:

Cá vou abysmado a contemplar as belezas da natureza. Desde que saímos de Lisboa, dia 19 de Novembro, até aqui, o mar tem sido um perfeito lago. O vapor não faz a mínima oscilação; veremos d'ora-á-vante o que Deus manda. Este vapor, Prinz-Regent, leva carga e passageiros e por isso demoramos aqui 24 horas; demoramos também 3 horas em Tanger, um porto de mar de que gostei muito, mas muito mais de Marselha. É maior que Lisboa, mas sempre coberta de nuvens de fumo devido à grande quantidade de fábricas que tem. Parece-me que nestas coisas estou a ensinar o Padre Nosso ao vigário, mas por falar, não perco. No dia 26 d'este mês chegaremos a Nápoles mas eu agora só lhe escrevo de Port Said. Levo comigo, como fiel companheira, a carta última que me escreveu, e farei o possível por fazer o que n'ella ordena: já sahi de Portugal com uma dor no joelho esquerdo que me dá sempre d'inverno, e ainda me não passou; veremos agora chegando aos países quentes, o que será feito de mim. Não queria por minha von-

tade ir a Lourenço Marques para ser ida por volta, mas não podendo d'outra maneira, voltarei.

De Port Said mando notícias.

Américo».

O destino não era Lourenço Marques, mas o Chinde. Calculo que o nome daquela cidade vem aqui na vez da Província de que era, e é a Capital. Calculo assim porque ainda nos seus últimos anos, era frequente Pai Américo trocar os nomes de Angola e Moçambique pelos das suas capitais.

Esta correspondência que vimos conhecendo e dando a conhecer, não é muito farta de cartas do Américo. Mas por certo elas foram numerosas, a julgar pelo que escreve seu irmão Zeferino, ainda ao P.e José, em 10/12/1906:

«Meu Padrinho:

Primeiro que tudo pesso desculpa de lhe não ter escripto.

Agora, porém, que sahi daqui o seu correspondente — o Américo — vou assumir as responsabilidades delle. (...)

A chegada ao Chinde foi em 19 de Dezembro de 1906. É pelo irmão Jaime que o sabemos, em carta de 22/12/06, endereçada ao P.e José e escrita em inglês:

Américo has arrived out here on the 19th December and is now with me making some practice of these works. I intend to send him inland after a few monthes of staying here.»

As primeiras notícias que temos depois desta são de 3 de Fevereiro de 1907, por carta do Irmão Jaime ao cunhado José Guilherme:

«O Américo cá está. Tem bastante mimo, mas isso há-de passar. Ainda não ganha dinheiro porque o não merece. Está fazendo a prática destes serviços. Vamos ver o que elle dá.»

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

O problema das mulheres fáceis tem-nos assoberbado dia a dia. São nada menos de quatro casos difíceis. E que difíceis! Isto numa aldeia — que fará nas cidades!... Todavia, ainda não desanimamos. Hemos tentado os mais variados processos de regeneração — últimamente com a imprescindível acção de uma Vicentina, visitadora amiga e conselheira. Que tem perdido, não, tem ganho muito tempo. Porém, vive, agora, um momento de desânimo. Natural e humano. Mas há-

Continua na página QUATRO

A casa do Manuel Laranjeira

VENHO pedir ao Senhor Padre Carlos para me ajudar na construção de minha casa. Pensei assim: em vez de pagar aluguer pago os juros do dinheiro que vou tirar. Assim lucro mais. Minha sogra cede-me uma parte de terreno. Do acanhado terreno que possui paga apenas trinta escudos de décima. Os pedreiros meus companheiros de trabalho dão-me uma mão de ajuda, depois mais uma ajuda do Senhor Padre porque ouvi dizer que nunca mandou ir embora ninguém com as

mãos vazias. Assim faço o suficiente para poder entrar dentro. Aliviado desta primeira fase, recomencarei a segunda. Assim têm feito os outros rapazes sem com menos possibilidade vou tentar também.

Casei há perto de dois anos, tenho um filho, os outros que Deus me der não de nascer na minha casa; não me posso demorar porque o segundo já estará para vir.

Agora vou esclarecer a minha situação: sou pedreiro, ganho 30\$00 quando não chove muito, porque muitas vezes molho-me na pedreira. Mas note-se, eu trabalho 8, 9, 10 e 11 horas. Minha mulher trabalha uma leira arrendada de que paga 10 rasas de milho, nesta leira tiro umas batatinhas para comer.

Senhor Padre Carlos peço-lhe por muito favor para me ajudar.

Manuel Laranjeira

Ai vai toda, sem tirar nem pôr. Tão simples! Tão sensata! Tão decidida! Tão cristã!

A Casa do Manuel Laranjeira há-de ser feita com pedras de entre ajuda, e argamassa de fraternidade.

Antes que a casa seja, está a sua aspiração tão racional, de rapaz novo, casado há dois anos, com um filho e vésperas do segundo, que não pode

perder tempo, porque os filhos «que Deus me der não-de nascer na minha casa».

Tudo pequenino, logo desde o terreno, «parte do acanhado terreno», que paga apenas 30\$00 de décima. Mas este pouco, com amor, chega, tem de chegar. Os milagres de multiplicação até à saciedade dar de que confiam não são de «Aquele tempo». São de todos os tempos porque Cristo foi, e é e será.

«Os pedreiros meus companheiros, dão-me uma mão». (Como Pai Américo rejubilaria com este dar de mão, tão humilde e por isso mesmo tão eficiente!)

Tudo muito certo: «Assim faço o suficiente para poder entrar dentro. Aliviado desta primeira fase, recomencarei a segunda».

Eu não sei que dirá D. Técnica, a que oferece conselhos e orientações, e deixa estiolar todas as iniciativas pequeninas, pouco vistosas de per si, na falsa teoria do óptimo, «que é inimigo do bom»... Não sei!

Por mim digo que o Manuel Laranjeira pensa muito bem. Vale mais a sua casinha por terminar do que o barraco onde mora de aluguer.

Porque ele não espera parar; «aliviado desta primeira fase recomencarei a segunda!»

Que contente me dei-

xa esta carta! E que triste!...

É que o Manuel Laranjeira, entre as «mãos de ajuda» pequeninas, conta com a nossa, pequenina também. Ele diz o que está no nosso coração: «...ouvi dizer que nunca mandou ir embora ninguém com as mãos vazias».

E eu fico triste olhando as minhas mãos vazias, obrigado a mandar ir embora o Manuel Laranjeira com as suas da mesma sorte, por não ter que lhe dar nem à multidão de outros Manueis Laranjeiras que esperam há tanto tempo o nosso pequeno auxílio para juntar a outros auxílios pequeninos e assim, concluirem as suas casas «onde os filhos que Deus lhes der não-de nascer».

Que simples que seria a vida no Mundo, se todos os homens fossem simples e sensatos e decididos e cristãos, como o Manuel Laranjeira e os outros de quem ele espera «uma mão de ajuda!»

E eu, triste, olhando as minhas mãos vazias, fico pedindo a Deus que fecunde o teu coração, ó alma a quem chegar a minha voz; e que nele se gere uma corrente ininterrupta que desagúe em todos os Manueis Laranjeiras que ainda se não resignaram a afagar a Vida que Deus lhes deu.

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Continuação da página TRES

de recompor-se. Que a vida das mulheres fáceis é um caminho sinuoso, escorregadio. Particularmente, se portadoras de desequilíbrios congénitos.

Não há dúvida que sem uma vida amarga de trabalho elas permanecerão como dantes — sujeitas ao pecado. O Trabalho é uma escola viva. Uma fonte de graças. Nós temos na nossa Obra o exemplo. Pai Américo legou-o, pelo seu punho, no Fundamento

da Obra: «o trabalho deles, por mão deles, querido por eles, é a extinção lenta e sábia dos defeitos morais que os afligem». Por isso, temos insistido especialmente neste ponto, reduzindo a esmola até ao mínimo indispensável.

Vimos, há dias, na grande imprensa, o decreto que extingue a prostituição legal. Uma medida cristã. Pois será incompleta — um remendo — se não facultarem a todas elas convenientes meios de regeneração pelo Trabalho. Esperamos que os responsáveis hajam previsto esta sequência, natural e

indispensável, para a medida ora adoptada.

RESPOSTAS AO S. O. S. — Só vieram duas! Uma da assinante 7643 — 100\$00. Outra dos Açores — 20\$00. Mas continuamos a não desanimar. Porquê? Os nossos doentes precisam de remédios. E eles são caros. De maneira que, entre os milhares de amigos do *Famoso*, Deus há-de escolher um ou mais que, generosamente, se disponha a valer ou, melhor, a suportar, alegremente, este pesado fardo. Diminuimo-lo, ultimamente, com tristeza — por via das nossas aflições. Mas pode ser que a gente possa, ainda, suportá-lo como dantes. Têm a palavra os senhores, mai-las senhoras.

O QUE RECEBEMOS — Duas presenças habituais, da assinante 17022. Mais uma, do Luso, «pedindo orações por alma de António Delgado». Mais outra, de um meu antigo colega da Escola Comercial Mousinho da Silveira. Agora, ouçamos a assinante 17740:

«Como no próximo dia 25 passa mais um ano que Deus chamou para si meu marido, sempre nesta data envio uma pequena quantia, que Deus multiplicará pela sua infinita Misericórdia, visto a mim não me ser possível enviar maior».

Bendito seja Deus por estes testemunhos de Fé!

Seguem mais 35\$00 da assinante 30970 «com pena de ser tão pouco». E mais 400\$00 do meu antigo professor de contabilidade — cuja presença me enche de alegria. E mais 100\$00 do assinante 18223 «do 2.º semestre que devia à Conferência». Estes subscritores são uma riqueza! Mais 200\$00 do assinante 5555. Mais uma «pequena esmola» de uma Senhora — muito amiga — da Murtosa, sufragando a alma do nosso querido Pai Américo. Finalmente, 20\$00 com a mesma intenção, de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques.

Filhos de pai incógnito

Uma carta! Uma sugestão! Quem dá ouvidos?

«...e dizer-lhe que a respeito de PAIS INCÓGNITOS penso que não há problemas, visto não existirem esses pais. O que é para espantar, é que ainda se admira OFICIALMENTE esta mentirosa expressão.

É frequente ouvir-se dizer que a justiça tem muitas mangas. Pois é JUSTAMENTE nessas MANGAS que se escondem os pais desnaturados.

Portanto será à Justiça que competirá pô-los a descoberto; para o que bastaria que o seu Ministro ordenasse aos conservadores do Registo Civil a substituição, nos registos de nascimento, da indicação de filho de pai incógnito pelo filho ilegítimo de... (a mãe deve saber o nome do pai do seu filho; ou não?!).

Ao pai fixar-se-ia um prazo para vir confirmar ou contestar a paternidade que, no primeiro caso, legitimaria com o casamento se para isso não houvesse impedimento legal ou canónico.

Estará bem assim?»

É um homem que assim fala. Não sei que credo, nem se novo, nem se velho. Fala na ânsia de ajudar a construir. As dores vis-

tas no Gaiato têm dado volta ao cérebro e apresenta o que o seu ideal construiu. Outros assim têm feito. Lutar, ajudar a elevar os outros é lutarmos por nós mesmos. A verdade e a razão são gémeas. Não podemos nem devemos esconder a Verdade. E quem trabalhar contra Ela, falta ao seu dever. É réu da sua própria consciência.

A Verdade, nem sempre acha guarida, e então é escurraçada, porque vai rasgar a visão dum prazer e ferir a vaidade dos que a repelem. Foi assim que noutra tempo levámos Um Inocente ao Calvário; e é assim que hoje crucificamos e atrofiámos tantos e tantos que conhecem o pai e são obrigados a esquecer que o têm.

Hoje aqui, amanhã ali, todos nós sabemos o que é justo e o que vem contra a razão das coisas.

Aqui fica a sugestão mais a «retórica». A ideia da procição, parece que sempre tem que se fazer. Eu mais os «filhos de ninguém», queríamos que alguém nos ouvisse, e nos ajudasse na sede que temos.

ERNESTO PINTO

JÚLIO MENDES

Vai recompor nova campanha.

Eu quereria dizer aos nossos leitores, que os dois tostões por matriz entregue (foi por parecer mais simples a última hipótese em que se ficou), quereria dizer que elas iam ser já realidade.

Não vão. Não posso dizer tal. Mas tenho de dizer que o caso ainda não é de desesperar.

Aqueles próprios de quem se julga depender a coisa, os quais pertencem ao número dos que a querem com entusiasmo e ainda não puderam dar o sim, são esses mesmos a dizer-me que: **sim**, ainda não; mas que não desista.

Não deitemos, pois, pedras a ninguém, porque bem poderemos agredir injustamente aqueles que

nos parecem o centro do alvo e não no são.

A raiz das dificuldades está nisto: É que a coisa é extraordinariamente simples. E os homens são complicados por natureza — por natureza decaída! — e há uma assintonia entre eles e as coisas simples.

Toda a gente que não quiser fechar os olhos, vê que os dois tostões por matriz entregue, não sobrecarregariam ninguém e permitiriam, quase a brincar, ir resolvendo casos e casos de miséria habitacional por esse país em fora. Vinte e cinco casas que se fizessem por semana com os dois tostões do Totobola, nas quarenta semanas da estação desportiva, eram mil famílias que ficavam abrigadas. Quem pode

discutir a desproporção entre a grandeza da consequência e a modéstia da causa? Ninguém. Ninguém ainda se atreveu a tal! Então? Receia-se. Receia-se o quê? A simplicidade do remédio caseiro.

Verdadeiro diagnóstico deste nem atar nem desatar? **Complicadite aguda** nos homens, que os torna alérgicos aos remédios simples.

Não deitemos, pois, pedras a ninguém, que podemos errar no julgamento do alvo! Aqueles que mandam, não mandam tudo, não mandam sem limites!

Então que fazer? Não desanimar. E continuamos à espera que a simplicidade vá passando como «água mole em pedra dura»... até que fure.

T O T O B

O

L

A

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

SELOS USADOS — Tal como esperávamos, logo que a correspondência foi aberta, apareceram alguns selitos para a Campanha. É o começo. E foi como nós gostamos. Assim, a máquina da Tipografia vai ser paga graças aos selitos que cada amigo leitor vá juntando e enviando para a nossa Casa do Gaiato. Eu tenho muita esperança nesta campanha à medida que os dias vão decorrendo. Assinalamos nesta quinzena as encomendas da Rua Leonardo Coimbra do Porto, de F. Lucena, também do Porto, de Fernanda Rosanisa Lima, de Espinho e de Felisberto Agostinho Azeredo Almeida, do Montijo. De Lisboa, nada. Será que os nossos amigos alfacinhas se estão guardando para comparecerem em cheio? Deus permita que sim. Entretanto chamamos a atenção dos amigos da capital para que não adormeçam, porque o Porto está a marcar (como sempre) e a comparecer com muita regularidade. Vamos, Lisboa. É preciso que a vossa presença seja destacada, senão passamos a capital para o Porto!... Tivemos agora notícia de que uma senhora do Saldanha anda a fazer revolução (pacífica) para a Campanha do Selo Usado. À medida que o tempo passa vou tendo muita esperança.

QUADRO DE HONRA

Todas as quinzenas faremos um quadro de honra para a melhor encomenda em quantidade e qualidade dos selos. Hoje é alguém da Rua Leonardo Coimbra, 27 — Porto.

TRABALHO — Se na última crónica nos queixávamos, hoje alegamos. Sim senhor. Temos recebido trabalho e quase poderemos dizer que as máquinas da nossa oficina estiveram sempre a trabalhar. Há movimento. Há trabalho. Há preocupação. Há gosto. Há tudo, havendo trabalho. Por cada repartição, estabelecimento ou particulares que nos enviem trabalhos, temos que contar que são nossos amigos. Só por amizade e amor se pode salvar o mundo. E há tanto que amar! Assim temos os Combustíveis Líquidos, Lda, a Iluminante, a Cidla, a Metalúrgica, os Externatos de Almada, Caldas da Rainha e possivelmente de Setúbal, a Purfina (amigos desde a primeira hora), a Ordem Terceira, Agência Abelha, etc., etc., etc.... Tudo uma lista de bons amigos com que a nossa Casa e particularmente a Tipografia, podem contar. É para nós consolador saber que temos com quem contar. E vamos para a frente. Não podemos parar. Porque fazê-lo é morrer. E se tivéssemos de fazer outro quadro de honra, a Iluminante ocupá-lo-ia, pela quantidade e categoria dos trabalhos que nos entregou. Assim nós sabemos corresponder. A todos o nosso muito obrigado.

CÂNDIDO PEREIRA

PAÇO DE SOUSA

JORNAL — A Campanha ainda não parou, caríssimos. Nem parará nunca. Não queremos que ela esqueça. E aqui estamos a lembrar. Estamos a tirar 45.000 exemplares. Era preciso mais. Muito mais. Oh se era! O nosso Famoso tem de entrar em casa de todos os portugueses. De todas as famílias. Se podes, inscreve-te como assinante. Inscreve familiares e amigos teus que de todos precisamos. Se não podes, receberás o jornal na mesma. Ele é feito para todos. Todos precisam de pão. Do Pão Forte e com a argamassa dos Pobres. Sem pão não se vive. Se és pobre e não podes comprar esse Pão, dar-to-emos de graça. Se podes, faz algo pelos outros. Só assim seremos todos irmãos e o jornal atingirá seus altos objectivos. Ainda há muita gente que não sabe. Que não conhece. Que *passa fome*... O Gaiato é nacional. É o cidadão mais português de todos. Sente as suas alegrias e tris-

tezas. Vive com os pobres e com os ricos. É tribuna que fala. Fala ao coração. É o Mestre que vai na Barca no Lago de Genezaré. Também sobe o Gólgota. Traz multidões insondáveis à suailharga. Prega a multiplicação. E as águas do mar se abrem à sua passagem. Os cegos vêem, os coxos andam, os pobres são consolados...

FRUTA. Há para aí muitos ratoneiros de fruta. Muitos e dos mais variados. Sepadre Manuel pôs-se em campo para impedir que vá toda. São as peras, as maçãs, as uvas, os tomates... e mais e mais e mais...

Nós este ano temos muito vinho mas, se começarem a comer as uvas lá se vai tudo. E o Senhor Padre Manuel que tem tanto gosto por tudo isto, redobra de esforços para evitar que os tribunais decretem as rapadelas de cabelo. Os cortes de saída. O andar com roupa velha ao domingo, etc... verdadeiros *cataclismos*...

O João de Setúbal é um pimpão para esta modalidade. Martins para os figos dos campos novos. Bojarda para as uvas brancas, Américo para as pretas. Nequita, Caetano e o seu irmão Cocas já foram vistos a rondar... Estariam eles de serviço?

RETIRO. Como acontece todos os anos, também este foram um grupo de maiores e outro de médios para retiro. Foi em Singeverga. Ao pé dos nossos beneditinos. Não podemos passar sem eles. Eles não podem passar sem nós. Todos, formamos um **TODO**. O retiro é necessário. É já habitual. É do programa. Um número mui necessário para não nos *espalharmos* tanto. Acertar o conta corrente para não haver *desfalque* na *caixa*! É necessário saber aproveitar estes ensejos, estas oportunidades.

ANJINHO. Melhor, era dantes. Agora é aqui conhecido pelo *António Parolo do Tojal*... Veio para esta Casa e contamos com ele. Ainda não está verdadeiramente aclimatado ao nosso ambiente, mas cremos bem que não demorará a assimilar. É bom rapaz. É esperto. Só é necessário forçar um bocadinho a vontade para que tudo se normalize. Até à data não temos nada contra e esperamos que ele, o António do Tojal, seja mais uma alegria para todos nós.

ÁFRICA — Os Senhores Padres Horácio e Carlos já chegaram de África. Levaram a mensagem do Gaiato. Trouxeram a mensagem dos Portugueses que se encontram naquelas longínquas paragens, marcando a nossa presença naqueles torrões sagrados que precisamos de amar mais e falar menos. Gastar menos dinheiro com panfletos, com frases feitas e coloquemos os braços e o coração a trabalhar. Demos a nossa alma para que aqueles pedaços sejam sempre portugueses, pois as frases passam e só os ideais que se criam ficam. Angola é nossa. É sim senhor. Mas, só com muito amor, assim será mesmo de verdade. Trabalho e sacrifício. O resto, é perder tempo. É enganarmo-nos. Viver no engano é triste. A tristeza não ajuda nada. O que é nada morre. O que morre passa. O que passa não volta. Não voltar é não ter deixado presença. A não presença é um pecado muito grave e uma falta.

IMPORTANTE. São os livros. As nossas edições. Quando se trata delas, os senhores têm de *andar da perna*, se querem ser servidos. É o caso. Ainda temos alguns exemplares do «Pão dos Pobres» e do «Barredo» mas, quem chegar primeiro é que os leva. Nós avisamos porque somos amigos... Nós queremos que todos tenham em sua casa aquilo de que precisam: «Pão dos Pobres»!

Sem este Pão — o Pão dos Pobres — não haverá fartura nos ricos...

daniel

Visado pela
Comissão de Censura